



TEÓFILO BENEDITO OTTONI: UM EMPRESÁRIO PARA OS DIAS DE HOJE

Gilberto Ottoni Porto

Engenheiro civil, sanitarista e urbanista, sócio fundador e conselheiro do Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri.

O valor do empresário cresce na atualidade, em virtude da necessidade de se gerar cada vez mais empregos, mormente para as novas gerações, que buscam o mercado de trabalho, egressas de escolas técnicas e de universidades, com qualificação profissional mais apurada. O Poder Público, preso às prioridades da saúde, educação e segurança, necessita de parceiros nas obras de infraestrutura, para aliviar seus cofres, sempre carentes de mais recursos. Esta parceria, entre o setor público e o privado, é fundamental a qualquer governo, que pretenda dinamizar a sua economia.

É oportuno lembrar, que em meados do século XIX, tivemos no Brasil uma experiência singular, de parceria público privada, que deixaria enormes dividendos para o nordeste de Minas Gerais. A Companhia de Comércio e Navegação do Mucuri, criada por Teófilo Benedito Ottoni, com 75% de capital privado, e apenas 25% de capital público, subscrito pela então Província de Minas Gerais, é a primeira empresa nacional, voltada ao desenvolvimento de uma vasta região do nosso país.

A conjuntura era favorável, devido a um conjunto de reformas, que alterou completamente o quadro político, institucional e econômico do Império. Leis foram criadas, para o estabelecimento de empresas de capital aberto, que pudessem ter sócios acionistas, que investiam dinheiro para participar dos dividendos no futuro. A abolição do tráfico de escravos, que até então era dos mais lucrativos negócios do país, disponibilizou novos capitais para investimento. A propriedade da terra, que ainda era regida por uma legislação colonial, é regulamentada e modernizada. A Cia do Mucuri, aproveita esta oportunidade para desenvolver seu pioneirismo, construindo a primeira estrada de rodagem do país em grande extensão, e características técnicas modernas; são 180 quilômetros, com largura mínima de 3 metros, e rampa máxima de 5%, com todos seus córregos e rios, cobertos por pontes de madeira de lei.

Esta epopeia grandiosa, só foi possível porque, à sua frente, estava um empresário excepcional, já bastante conhecido na política, pelos seus valores morais e cívicos, mas também dotado de experiência comercial, desenvolvida desde os verdes anos, junto a seu pai Jorge Benedito Ottoni, comerciante de tecidos no Serro, que frequentemente o levava em suas viagens de negócios. Este primeiro trato com o comércio, vai até os dezenove anos, quando viaja para o Rio, para completar sua formação profissional, junto com seu irmão Honório.

Na capital do Império, assombra os professores, com o brilho da sua inteligência mas, por perseguição política, é obrigado a dar baixa do posto de guarda-marinha, conquistado com brilhantismo, por ter sido o melhor aluno da turma, e que era a sua maior garantia, de acesso ao curso de engenharia, onde acreditava poder servir melhor ao seu país. Forçado pelas circunstâncias, volta ao Serro, onde retorna às atividades comerciais, e edita o jornal “Sentinela do Serro”, combativo e vibrante, que o lança na política, com repercussão regional e também nacional.

Em 1835, Ottoni é eleito deputado à 1ª legislatura da Assembleia Legislativa Provincial, para um mandato de dois anos em Ouro Preto, e reeleito para um segundo mandato até 1838. Nesta oportunidade, procura utilizar os conhecimentos técnicos, adquiridos na Academia da Marinha, mormente de geografia e geodésia, que somados aos conhecimentos matemáticos de geometria, e cálculo diferencial e integral, o fazem partícipe, de quase todas as comissões técnicas, ao longo de sua atividade parlamentar.

É impressionante seu conhecimento sobre Minas Gerais: sua geografia, seus rios, com sua navegabilidade; suas montanhas e cordilheiras; sua população, com dados estatísticos; bem como a produção e o comércio de cada região. Antecipando seu irmão, Cristiano Benedito Ottoni, Patrono da Engenharia do Brasil, concebe para a província uma engenhosa logística de transporte intermodal, integrando hidrovias, estradas e ferrovias, que ainda estavam por fazer. Trabalha pela aprovação de leis, que incentivem empresários a fazer parcerias com o poder público, criando empresas, para superar as dificuldades de comunicação da província; fruto da política colonial de Portugal, de isolar a região para dificultar o contrabando.

Em 1838, eleito deputado geral, volta Teófilo Ottoni ao Rio, para lutar numa arena mais elevada, pelo seu projeto de país livre e soberano, com a força do seu caráter e o brilho da sua inteligência, até a sua morte em 17 de outubro de 1869. No conturbado período de 1838 a 1843, com o fim da Regência e o início do reinado de Dom Pedro II, Teófilo Ottoni participa e lidera a Revolução Liberal de 1842, quando é preso, julgado, absolvido, e posteriormente anistiado.

Em 1844, juntamente com o irmão Honório, organiza a firma de comércio atacadista Ottoni & Cia, na rua Direita, número 77, no Rio de Janeiro, que em pouco tempo se transforma em poderosa organização comercial, mercê do trabalho honesto e competente de seus fundadores, e criando para seus chefes, a tradição de um crédito robusto e respeitável.

A capacidade administrativa, e o espírito de inovação, não se limita à sua empresa, Em 1854 é eleito presidente do Montepio Geral, instituição do mais alto interesse social e humanitário. Sua visão abrangente e inovadora, o faz perceber a necessidade urgente, de atualizar as tabelas de joias e anuidades, fundamentais para garantir à empresa os recursos necessários para cumprir seus compromissos. São cálculos matemáticos complicados, que levam em conta, não apenas a vida média dos interessados, como também os juros de mercado. Sua atuação, faz renascer a confiança pública na instituição, pois, encontrando seu fundo com 614 contos de réis em 1854, Ottoni deixa-o com 1.531 contos, em 1857.

Seu nome cresceu tanto no mundo comercial, que anualmente lhe garantia a reeleição para a Comissão da Praça do Comércio, precursora da Associação Comercial e Industrial, e à qual presidiu de 1851 a 1854. É necessário salientar a importância dessa instituição, lembrando que o Rio de Janeiro centralizava, naquela época, quase toda a atividade econômica financeira do país.

Em 1851, toma parte com Mauá na criação do segundo Banco do Brasil, já que o primeiro, criado por Dom João VI, deixara de existir, pelas funestas administrações de seus diretores. Em 1854, é eleito Diretor Secretário do Banco, e membro da Comissão do Regimento Interno, permanecendo na diretoria até fins de 1857.

Participa também da Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres, tendo sido seu presidente em 1857 e 1858. Esta Companhia tinha um capital de 16.000 contos de reis, com agentes na Inglaterra, Buenos Aires, Montevideu, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Santos, Paranaguá, Bahia, Pernambuco e Campos.

Todos esses cargos, foram conseguidos a partir de eleições. Nunca aceitou benesses ou privilégios; isso desde a mais tenra idade, quando, para cursar a Academia de Marinha prestou concurso, sendo aprovado com tal brilhantismo, que surpreendeu seus examinadores. Na esfera pública, seu comportamento não foi diferente; como deputado, jamais aceitou honrarias ou vantagens, pois defendia que os legisladores não deveriam aceitar benesses do executivo.

Com referência ao Mucuri, em outubro de 1847, os empresários Teófilo e Honório Benedito Ottoni, publicam as “CONDIÇÕES PARA A INCORPORAÇÃO DE UMA COMPANHIA DE COMÉRCIO E NAVEGAÇÃO DO RIO MUCURI”, a Cia do Mucuri. São 51 páginas, onde o assunto é estudado e debatido com clareza e objetividade, com argumentação científica, dados estatísticos e geográficos, expondo as vantagens da participação na empresa. Entre as condições apresentadas para a incorporação ressalta a 21 estabelecendo que: “ Enquanto os lucros da empresa não excederem a 6% anuais, os empresários não terão retribuição alguma, nem como empresários, nem como diretores”. Considerando que a Cia do Mucuri nunca distribuiu lucros, reaplicando os mesmos em investimento na empresa, Teófilo Ottoni jamais recebeu qualquer participação financeira, nem mesmo pró-labore, da companhia.

Na verdade, a Cia do Mucuri nunca se limitou aos lucros financeiros. Para Teófilo Ottoni, ela representava a possibilidade de lançar as bases econômicas, sociais e culturais, para a ampliação da cidadania, com o acesso à propriedade para milhares de pessoas, com a decorrente expansão do direito do voto, que naquela época do Império, exigia um mínimo de renda, para ter seu direito exercido. Era um projeto de desenvolvimento regional integrado, a busca de alternativa à crise econômica da região serrana e de Minas Novas, a partir do declínio do ouro.

Segundo Valdeci Lopes de Araújo: “A criação de Filadélfia (hoje cidade de Teófilo Ottoni) não foi apenas um empreendimento de aventureiros em busca de riquezas; foi a tentativa de realização de um projeto político alternativo. Filadélfia foi uma aventura cidadã, pois nela Teófilo Ottoni procurou lançar as bases sociais e econômicas para a cidadania. Ampliar a cidadania, esse era o maior objetivo que, para o diretor da Cia do Mucuri, justificava todos os sacrifícios na busca da justa prosperidade. Uma prosperidade que deveria expandir a liberdade e não apenas produzir riquezas para uns poucos”.

Segundo Paulo Pinheiro Chagas, foi em 1852, na segunda expedição de Teófilo Ottoni ao Mucuri, quando se encontrou com a expedição que saíra do Alto dos Bois (próximo a Minas Novas), numa planície, na confluência do rio Santo Antônio com o Todos os Santos, que Teófilo Ottoni, cheio de alegria e entusiasmo, exclama:

“Aqui farei a minha Filadélfia”

“Ela nasceu assim. Criada pela vontade de um homem, filha do sonho e da aventura, do pensamento e da ação. Nem outro nome ocorreria ao obstinado discípulo de Jefferson. Filadélfia era o berço da liberdade americana. Evocava a democracia, na sua antiga pureza. Recordava a antemanhã da revolução, definindo os Direitos do Homem, proclamando a primeira república da América.”

Muito antes de se pensar em imigração estrangeira, que só foi cogitada a partir de 1853, Filadélfia já era projeto de Teófilo Ottoni, e jamais este nome, significante cheio de significado simbólico, poderia ser confundido como peça de marketing para atrair desavisados imigrantes.

O sucesso da Cia do Mucuri era um perigo para os conservadores, inimigos políticos do liberal republicano Teófilo Benedito Ottoni, sendo assim, era indispensável paralisar este projeto revolucionário. A construção da pioneira estrada de Santa Clara a Filadélfia consumiu 1.500 contos de réis, 300 contos a mais que o capital da Companhia, que era de 1.200 contos. O faturamento da Cia era suficiente para seu custeio, mas, para cumprir seu projeto inicial, ela precisava chegar com a estrada carroçável até Minas Novas e Serro, e para isso precisava de mais capital. Em 1858 a Cia do Mucuri estava com um patrimônio grande e sólido o seu crédito. Tanto assim que, malgrado os embaraços, suas ações tinham ágio na praça. Um empréstimo de 1.200 contos de réis, igual ao seu capital inicial, foi levantado em Londres, mas o ministro Ferraz, inimigo político de Ottoni impediu que o mesmo fosse viabilizado, obrigando os acionistas a aceitarem a encampação da Cia pela lei nº 1.114, de 27 de setembro de 1860.

Forçado pelas circunstâncias, Ottoni assina com o Governo Imperial o contrato para a encampação da Cia do Mucuri, em 1 de março de 1861. Em Circular de 18 de março de 1861, Ottoni, assim se manifesta aos acionistas:

“Permitirá V.S. que eu consigne o fato de que não foi por iniciativa ou aprovação minha que se encampou o contrato da Companhia.....

Não era nossa empresa um sorvedouro dos dinheiros públicos. À exceção do empréstimo malgrado, nunca pediu favor pecuniário ao governo, nem nos deu ele senão o seu apoio moral e algumas folhas de papel, em que escreveu os privilégios que ora rasga. Ao contrário foi a Cia do Mucuri que se cotizou no benefício público.....

*Sem meios para levantar dinheiro, assustados com a guerra, que nos movia, os acionistas opinaram pela encampação. **Considerando que os senhores acionistas não tinham tirado vantagem alguma dos capitais, que há tanto tempo nos confiaram, não me julguei em liberdade para ter uma opinião diversa da que manifestaram, e subordinei o meu juízo.....***

Assim como levei barcos a vapor à raiz da província, fantasiava que, em futuro pouco remoto, uma locomotiva me transportaria de Caravelas ao norte de Minas. Dir-se-á que são utopias; mas a Assembleia Provincial de Minas, quis associar-se às utopias do diretor da Cia do Mucuri. Subscreveu mil ações da Companhia. E, ainda bem, é o único acionista que não perde os juros do capital que me confiou. Minas ganha, além do seu capital, que reembolsa: Mais de cinquenta léguas de estradas regulares, sendo cerca de trinta, de rodagem, e na opinião de um viajante ilustre, a melhor estrada do Brasil, à exceção da União e Indústria. Ganha a posse de uma linha de navegação a vapor, que liga o Rio de Janeiro às comarcas do Norte, e de que não haverá governo algum que a prive, dora em diante. Recebe, em troca de brenhas inóspitas, três importantes freguesias: Filadélfia, Capelinha e Jacuí, filhas genuínas da Cia do Mucuri e que já contam mais de 25.000 almas. Recebe, catequizados e inofensivos, milhares de selvagens, que eram o terror dos habitantes do leste de Minas Novas. Recebe diversos núcleos de colonização europeia, que importaram indústrias e capitais, e que estão ligados ao solo da província. Não posso, pois, considerar perdido o tempo, que

consagrei ao Mucuri, nem lembrar-me de um miserável balanço de caixa, quando a generosa província de Minas, tira tão assinaladas vantagens dos meus sacrifícios. Bem hajam eles! São um pequeno tributo de gratidão, que vota à sua generosa província, o filho que mais lhe deve.”

Segundo Paulo Pinheiro Chagas: “Era na verdade um estranho fim, absurdo e paradoxal. A Cia. do Mucuri não acabava por exaustão. Morria numa crise de crescimento. Morria de Fartura, estuante de vida”.

A Cia do Mucuri foi a primeira e única experiência que tivemos de projeto regional integrado. As autoridades, estaduais e federais, estão nos devendo um projeto de desenvolvimento, que realmente dê continuidade ao projeto de Teófilo Benedito Ottoni.

Precisamos hoje de empresários como Teófilo Benedito Ottoni, que aceitem os riscos do capitalismo, que não tenham medo das parcerias minoritárias com o governo e coloquem seus capitais: técnicos, científicos, econômicos e financeiros, para dinamizar o progresso do nosso país; gerando emprego e renda, para uma sociedade que valorize cada vez mais o trabalho de seus partícipes.

Referências:

ARAUJO, Valdei Lopes de. A Filadélfia de Teófilo Ottoni: uma aventura cidadã. Belo Horizonte: AFATO, 2003.

CHAGAS, Paulo Pinheiro. Teófilo Ottoni: Ministro do Povo. Belo Horizonte: Itatiaia; 4ª edição, 1982

MAGALHÃES, Basílio de. A Circular de Theophilo Ottoni. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1916.

MIRANDA, Nilmário. Teófilo Ottoni: a república e utopia do Mucuri. São Paulo:

Caros Amigos Editora, 2007

OTTONI, Cristiano Benedito. Biographia de Theophilo Ottoni. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário do Rio de Janeiro, 1870.

Crédito da imagem: Painel: vida e obra de Teófilo Benedito Ottoni e a fundação de Filadélfia. Óleo sobre tela, executado pelo artista plástico José Basílio da Silva, em 1981. Por muito tempo esteve exposto na agência do Banco do Brasil. Atualmente, encontra-se na Câmara Municipal de Teófilo Ottoni.